

SEXUALIDADE INFANTIL: MANIFESTAÇÕES SEXUAIS A PARTIR DO OLHAR DAS PROFESSORAS

Matheus Andrade Santos¹

Ana Lucia Castilhana²

Resumo: A sexualidade humana sempre foi um aspecto humano considerado íntimo e pessoal, algo muito resguardado nas relações sociais. Porém observa-se no comportamento das crianças nas instituições de Educação Infantil uma manifestação aberta de sua sexualidade, muitas vezes, sem o pudor esperado pelo adulto. O presente trabalho tem como finalidade compreender as manifestações de sexualidade em crianças de 2 a 5 anos a partir do que as professoras percebem destas manifestações. A pesquisa foi realizada no município de Vitória da Conquista – BA, na qual foram utilizados métodos da pesquisa qualitativa, objetivando uma entrevista não-diretiva com cinco professoras da rede municipal de ensino. Portanto, a discussão dos dados e o referencial teórico utilizado apontam para uma concepção de sexualidade como parte da estrutura de todo o comportamento do ser humano, sendo na infância que se começa todo este processo, evidenciando o que as professoras acreditam ser normal/diferente nessas manifestações.

Palavras chave: Criança, Educação Infantil e Sexualidade.

Introdução

Desde Freud, com a psicanálise, a sexualidade passou a ser vista como inserida em toda a organização do ser humano, desde o biológico, por meio da anatomia e funcionamento do corpo, até o psicológico, perpassando pela cultura, na qual o indivíduo está inserido, influenciando a formação de sua personalidade. (LHOMOND, 2009). Pode-se compreender a sexualidade como uma energia que liga uma pessoa a outra, que concebe as formas de amar, de se relacionar, ou como uma energia que influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações, ligando a saúde física e mental em um processo dinâmico.

Este texto é parte de um trabalho de monografia de graduação no curso de Pedagogia, e tem como finalidade compreender as manifestações da sexualidade das crianças inseridas na

¹ Graduando em Pedagogia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Campus Vitória da Conquista – BA. E-mail: theu_vb@hotmail.com

² Docente Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Orientadora da pesquisa. E-mail: castilhano@yahoo.com.br

Educação Infantil, entendendo como as educadoras percebem essas manifestações e o que elas pensam sobre o assunto.

Pesquisar a postura do professor diante da sexualidade infantil é de fundamental relevância para a educação porque traz a reflexão da sexualidade vivenciada atualmente e como isto está sendo apreendido em todos os âmbitos sociais. Além disso, é importante compreender as manifestações sexuais no espaço escolar e que influência exerce sobre as práticas pedagógicas das professoras e formação dos sujeitos inseridos na Educação Infantil. Se a sexualidade faz parte do comportamento infantil, deve ser incluída no campo de conhecimento sobre a criança pequena. Portanto, consideramos que este seja um assunto necessário para ser incluído nos cursos de formação de professores como forma de prepará-los para a realidade do contexto do trabalho com a criança na educação infantil.

Esta temática também não é recorrente nas pesquisas em educação ou educação infantil, pois se trata de um aspecto da infância pouco estudada. Podemos dizer que a sexualidade infantil ainda se constitui como tabu na sociedade atual, e ainda há dificuldade em abordar o assunto especialmente quando se trata de crianças muito pequenas.

A criança de 2 a 5 anos está em processo de construção da sua sexualidade, que, na visão psicanalítica, não é algo dado, mas resultado de suas experiências e do esforço da criança para dar significado a elas. As identificações sexuais, a vontade de conhecer, os comportamentos são situações manifestadas por todos quando inseridos no ambiente educacional e, o professor (a) servindo como mediador (a) do conhecimento também participa da formação da sexualidade da criança pequena.

Guacira Lopes Louro (1999) evidencia que a sexualidade foi algo que durante muito tempo era de extrema intimidade. Para a autora a sexualidade não era assunto que pertencia ao ambiente social, o sexo era um assunto pessoal e particular. Viver a sexualidade só podia na vida adulta e com seu parceiro do sexo oposto. A sociedade sempre foi fator fundamental nessa construção sócio-histórica. No século XXI é explícito os resquícios até então organizados socialmente a cerca do viver a sexualidade e as novas formas de construir e interpretar tais manifestações.

Como forma de cumprir os objetivos da pesquisa, primeiramente foi feito um levantamento bibliográfico sobre os conceitos de sexualidade humana e infantil, assim como leituras sobre pesquisas em gênero e desenvolvimento infantil, que apesar de não enfocarem

exatamente o tema aqui proposto, serve como interlocução para refletir sobre a criança e a educação infantil em termos de assuntos que abordam diferenças e preconceitos.

A pesquisa desenvolvida partiu de um levantamento em duas creches públicas situadas no município de Vitória da Conquista – BA, sendo que foram desenvolvidas cinco entrevistas não-diretivas com professoras de crianças de 2 a 5 anos, todas inseridas na Educação Infantil, na qual a maioria delas tem no mínimo 5 anos que lecionam. Optamos pela entrevista aberta por considerá-la como um instrumento de coleta de dados que possibilita um discurso mais livre, deixando os sujeitos mais a vontade para expor os seus pensamentos. (SEVERINO, 2007).

As entrevistas realizadas foram gravadas e posteriormente transcritas, sendo a análise iniciada em categorias a posteriori. Lembramos que esta pesquisa foi feita para elaboração de um trabalho monográfico de graduação e os resultados apresentados no trabalho é uma parte dele.

Entendendo a sexualidade da criança

A descrição e discussão a respeito do conceito e da função que a sexualidade exerce sobre o ser humano é extensa e não será, de forma alguma, esgotada aqui. Pretendemos apenas lançar uma base para expor a idéia de que a sexualidade acompanha a criança desde o início de sua vida e que, portanto, pode ser percebida no cotidiano da educação infantil assim como nas residências das crianças, por suas próprias famílias.

Para Freud (1996b), existe uma sexualidade infantil que atua desde o início da vida, e neste caso, o campo do que se chama sexual torna-se muito mais ampliado, pois se circunscreve no esforço do ser humano (no caso, a criança) em compreender e se adaptar à realidade. A sexualidade vai além da idéia de instinto, pois não se reduz a mesma função de fome, sede, excreção, etc. Assim, as atividades infantis revelam, antes de qualquer coisa, a sua sexualidade, e no início de suas vidas revelam-se também como atividades de conservação (alimentação e excreção, principalmente). Nas palavras do próprio Freud,

É um erro injustificável negar que as crianças têm uma vida sexual e supor que a sexualidade somente inicia na puberdade, com a maturação dos

genitais. Pelo contrário, bem desde o início as crianças tem uma intensa vida sexual, que difere em muitos pontos daquilo que mais tarde é considerado normal. (FREUD, 1996b, p. 250).

Assim, a criança passaria por três fases em seu desenvolvimento sexual durante as quais experimentaria sensações corporais que por sua vez desencadeariam reações nas pessoas. E da mesma forma, as ações externas (de pessoas ou objetos) teriam influência sobre as reações afetivas ou corporais da criança.

Considerando a atenção dada à infância nas relações sociais entende-se que o trabalho desenvolvido na psicanálise de Sigmund Freud (1996b) influencia algumas idéias de autores que ajudam a pensar a sexualidade humana a exemplo de Simone de Beauvoir (1980), Guacira Lopes Louro (1999) e como elas entendem a sexualidade vivenciada pelos seres humanos nas suas relações com o meio sócio-cultural. É importante frisar que a sexualidade abordada não faz referência apenas ao biológico e natural, mais sim ao psicológico e como se amplia essa visão na contemporaneidade por meio das relações humanas, na propaganda, nas artes e outros tantos meios.

Partindo dessa idéia freudiana, é importante notar algumas características desenvolvidas em crianças entre 2 e 5 anos. Durante esse período da vida a criança passa por algumas inquietações e curiosidades sobre o corpo, elas se questionam e indagam os adultos sobre nascimento dos bebês (FREUD, 1996b) para poder entender como foi que ela veio ao mundo e fazem durante seu processo de desenvolvimento natural e sexual. Além disso, são criativas quando fantasiam e imaginam distintas situações com seus pares ou mesmo com alguém de sua família, como por exemplo, o nascimento dos bebês.

Pensando nas relações entre os pares de alunos e com as professoras é importante salientar que as crianças na Educação Infantil estão em constante processo de descoberta e aprendizado e a sexualidade participa ativamente na forma de aprender e de descobrir destas crianças. As manifestações sexuais são evidentes na rotina escolar e as professoras relatam algumas situações presenciadas, as quais se destacam no seu dia a dia. As entrevistadas destacam alguns casos que acontecem e que para elas fogem do padrão da normalidade.

Crianças curiosas, como se manifestam

Partindo das entrevistas realizadas com as professoras de Educação Infantil é importante destacar o que elas relatam sobre os casos de manifestação de sexualidade em crianças de 2 a 5 anos e quais as significações que essas educadoras fazem a partir desses relatos.

É relevante destacar que a escola é parte fundamental neste desenvolvimento infantil, interferindo diretamente na construção da sexualidade de crianças de 2 a 5 anos. Durante as entrevistas a maioria das professoras quando solicitadas a relatar os casos das manifestações de sexualidade afirmavam que o beijo na boca entre as crianças, o toque no próprio corpo e no corpo do outro, o toque nos órgãos genitais são situações que elas consideram como naturais, portanto, sendo desconsiderados. Como expressa a Entrevistada 02:

O beijo eu acredito que seja natural. (entrevistada fala isso com risadas) Isso é tão comum em Educação Infantil, né, de 2 a 5 anos, pra gente já passa a ser natural, é tão inocente, [...].

Entretanto, Brigitte Lhomond (2009) afirma que a sexualidade está inteiramente ligada ao uso do corpo manifestando prazer físico e mental. Além disso, a construção da personalidade do indivíduo sofre grandes interferências da sexualidade exposta nessas relações sociais.

Pensando ainda na descoberta do corpo, muitas vezes na rotina escolar os alunos e alunas se permitem serem tocados pelos seus colegas deixando em evidencia a curiosidade no próprio corpo, no do outro e nos seus órgãos genitais. A entrevistada 04 expressou o constrangimento quando percebe que as crianças manifestam a curiosidade sexual de forma brusca atacando o corpo do colega:

São várias as situações, tem umas assim, que são até constrangedoras, porque eles atacam uns aos outros, vão na boca, vão nos órgãos genitais propriamente, sabe, é uma situação complicada, porque a gente vai falar que não pode e eles ficam agressivos, as vezes, não é só menino com menina, as vezes é menino com menino e menina com menina, as vezes se tocam, [...] umas crianças até gostam, outras ficam constrangidas, choram, mas tem algumas pessoas que convivem com aquilo em casa e trata aquilo com a maior naturalidade, o menino vai lá e ataca a menina, a menina age normalmente [...].

A estranheza da professora resulta da exposição de algo que genuinamente deveria se manter oculto e restrito a vida privada (MISKOLCI, 2005). Esta exposição traz à relação na sala de aula e à rotina escolar um desafio as normas estabelecidas socialmente concretizadas nas escolas.

A masturbação é uma manifestação muito corriqueira na vivência da sexualidade das crianças pequenas. Na medida em que a criança vai desenvolvendo o corpo e presenciando algumas situações na rotina da creche, como por exemplo, o banho com os colegas, quando utiliza o banheiro ou até mesmo na sala de aula no momento de realização de alguma atividade, ela percebe a diferença entre os corpos de seus colegas. Neste processo, a importância dada pela criança na região da genitália e a curiosidade levam a menina e o menino a se tocar e perceber que existem sensações que de alguma forma trazem um conforto e prazer com o toque, a partir disto muitas vezes a educadora percebe em alguns alunos a frequência deste toque, ou seja, a masturbação na rotina da sala de aula. A entrevistada 05 relata uma situação na qual chamava atenção pelo excesso da atividade masturbatória executada por um de seus alunos:

Assim, na minha sala no ano passado a criança tinha uma excessividade de ficar se tocando, a questão da masturbação, e assim, eu ficava muito preocupada, porque as vezes, a gente sabe que é normal, um pouco, mas assim, muita frequência a gente sabe que não é normal, alguma coisa de errada pode está acontecendo, na casa da criança ou da rotina, que é uma coisa que sai da rotina [...].

Conforme afirmamos anteriormente, a instituição educacional possui um papel na organização da sexualidade da criança. Sobre esta questão, Freud descreve as crianças como:

Perversos e polimorfos, se estes impulsos apenas mostram traços de atividade, isso ocorre, por um lado, porque eles têm intensidade menor quando comparados com os da vida posterior e, por outro lado, porque todas as manifestações sexuais de uma criança são prontamente, energeticamente suprimidas pela educação. Esta supressão, por assim dizer, se estende à teoria, pois os adultos se esforçam por não ver uma parte das manifestações sexuais das crianças e por disfarçar uma outra parte, interpretando-lhes erroneamente a natureza sexual, conseguindo assim negá-la em sua totalidade. (FREUD, 1996a, p.250-251).

Ainda sobre esta questão é interessante observar o intervalo de um século entre estas observações de Freud e os dias atuais, e como ainda podemos perceber esse tipo de comportamento na sociedade atual.

Outro ponto a ser considerado na fala desta professora se refere à preocupação com a normalidade ou anormalidade do comportamento da criança, quando, na verdade, as atividades de natureza sexual fazem parte do repertório da criança nesta idade entre 2 e 5 anos.

Rótulos para meninas.

Na primeira questão da entrevista – os relatos dos casos – todas as professoras, a princípio, disseram não se lembrar de casos de manifestações sexuais no comportamento infantil. Com o reforço da pergunta sobre algum caso, elas acabavam relatando alguma situação vivida na sua rotina considerando “diferente” do usual, e demonstravam através das expressões faciais o incômodo de falar sobre os casos no momento dos relatos. A Entrevistada 04 relata uma situação que tem grande relação com a idéia que se constrói socialmente sobre os papéis que devem ser desempenhados por meninos e meninas. A educadora narra que:

Uma menina de 4 anos, isso foi ano passado, ela foi no banheiro e um menino estava lá fazendo xixi, e ela pegou e empurrou o menino na parede e chupou o pênis do menino, teve um outro caso, acho que com essa mesma menina de 4 anos, que pegou o outro menino e tentou... né (entrevistada nesse momento se sente um pouco acanhada ao relatar o fato), só que o menino começou a chorar e falar que isso não podia fazer, e aí, o menino chegou na sala desesperado, aí foi conversar, a gente até pensou que... (Eu pergunto o que a menina fez com o menino no banheiro). Ela bateu no menino, e falou que isso não era problema não, aí o menino falou que era falta de respeito com o coleguinha, que não podia fazer isso com os coleguinhas, e aí a menina falou bem assim, “Não é falta de respeito nada” e deu dois “tapões” na cabeça do menino, e o menino não deixou e chegou desesperado na sala, chorando, até pensei que era outro menino e aí, me surpreendi porque era uma menina, era uma menina aparentemente quieta, meiga, que você olha assim, você acha que não tem coragem de fazer isso, sabe, e outro menino que essa mesma menina fez isso, o menino bem novinho, ele tinha até dificuldade de falar, sabe, mais ele, estava tão desesperado e chorando, dizendo que estava doendo o pênis e a professora foi na sala pra ver quem era e procurou e chegou lá, ele apesar da dificuldade dele, ele mostrava “foi ela, foi ela”.

Analisando o relato da professora o que se destaca é a surpresa que a entrevistada revela quando descobre que quem agrediu o menino foi uma menina, deixando evidente a idéia construída socialmente de como ela acredita ser o comportamento “adequado” de uma garota. Ao expressar que a menina que atacou o garoto era “aparentemente quieta e meiga”, demonstrando ser incapaz de tomar aquele tipo de atitude, pensa-se nas construções culturais que se concebe sobre o papel da mulher na sociedade. Durante muitos séculos na história da humanidade a mulher foi educada para ser recatada e obediente aos comandos de um homem. Não se concebia nem mesmo que as mulheres tomassem a iniciativa no contato com os homens, cabendo-lhe um papel passivo. Apesar da mulher na contemporaneidade ter conquistado seu espaço na sociedade, ainda encontra-se impregnado na cultura ocidental a representação de uma boa moça, a mulher que é dócil, discreta, gentil e que saiba obedecer.

Pensando no relato da entrevistada e na construção sócio-histórica do papel da mulher, é importante relatar as lembranças de Guacira Louro (1999), quando se recorda de como era sutil, porém, enfático o disciplinamento do comportamento de meninas na escola pública brasileira.

Minhas lembranças escolares me parecem menos duras. Mas hoje tenho consciência de que a escola também deixou marcas expressivas em meu corpo e me ensinou a usá-lo de uma determinada forma. Numa escola pública brasileira predominantemente feminina, os métodos foram outros, os resultados pretendidos eram diversos. Ali nos ensinavam a sermos dóceis, discretas, gentis, a obedecer, a pedir licença, a pedir desculpas. (LOURO, 1999, p. 18)

Ao relacionar o relato da entrevistada com as lembranças escolares da autora nos permite pensar que vamos encontrar na Educação a formalização das expectativas de condutas “adequadas” para o mundo social, (FAGUNDES, 2001, p. 16), concretizando a idéia sócio-histórica do papel de ser mulher representada na fala da entrevistada.

Masculinidades.

Na Educação Infantil os atos de cuidar e educar estão ligados as relações afetivas entre alunos e professores. Todavia, compreende-se que há relações afetivas também entre alunos e alunos e este comportamento pode ser visualizado nas orientações das professoras no desenvolvimento do currículo das escolas. É válido se atentar para as relações concebidas entre os meninos, no qual é interessante considerar o que a sociedade concebe para o comportamento do menino e o que acontece na realidade escolar.

A afetividade também se encontra entrelaçada ao processo de manifestações e identificações sexuais das crianças de 2 a 5 anos, na rotina escolar as relações afetivas estão extremamente visíveis nos comportamentos dos alunos/as, as “panelinhas” que se formam nas salas, meninas que só brincam com meninas, meninos que mantêm relações de camaradagem com outros meninos é algo totalmente natural e faz parte das identificações entre os pares. Porém, quando se pensa nas manifestações de sexualidade em crianças dessa idade, percebe-se em alguns momentos situações um pouco diferente do padrão normal de interação entre as crianças. É significativo afirmar que o nível de intimidade entre infantes do mesmo sexo vai além do que a cultura local permite, demonstrando atitudes que a própria sociedade considera não adequado. Um maior contato entre garotos é sempre reprovado para o papel social desempenhado por um homem, portanto, o contato íntimo, a troca de beijos entre meninos é algo que ainda não é constante, bem como “normal” na cultura atual, bem como pode ser considerado como uma forma de desrespeito com o outro.

É pertinente enfatizar que a Entrevistada 02 relata um caso que aconteceu na mesma Creche da Entrevistada 04 que conclui a afirmação exposta acima, na qual a professora acabou tomando conhecimento e conversando com os alunos envolvidos. A educadora conta que:

Numa turma aí, foi recente, se não me engano tem quinze dias, no pátio conversando com um aluno, que não é da minha turma (entrevistada fala isso dando risadas) “Eu estou incomodado com fulaninho” (a entrevistada imita a fala do aluno), “Por quê?” (a professora pergunta), “Porque ele vive me beijando”, (entrevistada afirma isso dando risadas) diferente, aí eu perguntei “Mas porque ele vive lhe beijando?”, “Não sei, ele que vem me agarra e me beija” (ela imita a criança respondendo para ela), o menino beija o outro coleguinha, aí conversa vai, conversa vem, eu perguntei ao outro que beijou “Porque que você beijou fulaninho?”, “Ah, não sei tia, porque eu quis beijar!”, aí conversando a gente vê uma infinidade de problemas familiares, e aí, o pai briga com a mãe, relatou uma situação diferente, anormal do padrão, disse que o pai falou que ia vestir ele de mulher, pintar ele de mulher, vestir uma calcinha nele e bábábá...

A partir da fala das entrevistadas 02 e 04 é importante destacar que ainda há a predominância de uma sexualidade socialmente construída, no qual se torna evidente o papel sexual do menino e de menina na sociedade. O beijo entre os meninos é tido socialmente como “anormal”, condição exemplificada na atitude do pai do menino quando diz que vai vesti-lo e pintá-lo como mulher. Guacira Louro (1999) aponta uma produção de identidade masculina fortemente marcada pela quase extinção das manifestações de afetividade entre homens.

A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. [...] Esse sentimento, experimentado por mulheres e homens, parece ser mais fortemente inculcado na produção da identidade masculina. Em nossa cultura, a manifestação de afetividade entre meninos e homens é alvo de uma vigilância muito mais intensa do que entre as meninas e mulheres. De modo especial, as expressões físicas de amizade e de afeto entre homens são controladas, quase impedidas, em muitas situações sociais. (LOURO, 1999, p. 27)

Trazendo o entendimento destas expressões para a realidade educacional, nas escolas os rótulos também ficam extremamente evidentes e as relações de “camaradagem” entre os garotos os impedem de construir uma intimidade maior, incorporando gestos e comportamentos de “machos”. (LOURO, 1999).

Mais uma vez destacamos a dissonância entre o conhecimento sobre desenvolvimento infantil disponível na literatura ou mesmo na mídia, e a concepção cultural que permanece assentada em conceitos arraigados.

Sobre as características infantis que mostram a conformidade do comportamento dessas crianças com as questões vividas por elas nesta fase de suas vidas, Freud afirma que elas:

Não reconhecem qualquer abismo assustador entre seres humanos e animais: a soberba com que os homens se distanciam dos animais não emerge senão mais tarde. Inicialmente, as crianças não mostram qualquer repugnância pelas excreções; porém, adquirem-na lentamente, sob a pressão da educação. Não dão importância especial à distinção entre os sexos, mas atribuem a ambos a mesma conformação dos genitais; dirigem seus primeiros desejos sexuais e sua curiosidade àqueles que lhes são mais próximos e por outras razões, mais caros- os pais, irmãos e irmãs ou babás; e finalmente demonstram (e isto mais tarde irrompe novamente no clímax de uma relação

amorosa) que esperam obter prazer não somente a partir de seus órgãos sexuais, mas que muitas outras partes do corpo exibem a mesma sensibilidade, proporcionam-lhe sensações análogas de prazer e, em decorrência, podem desempenhar o papel de genitais. (FREUD, 1996a, p.250)

Considerações Finais

Diante do que expusemos, é importante frisar que apesar das professoras pesquisadas serem formadas para lidar com os comportamentos da criança, existe uma forte interferência da sexualidade construída pela cultura em sua prática pedagógica. Isto significa que a ideia da criança como inocente e desprovida de sexualidade traz reações de surpresa e choque nas professoras diante das manifestações da sexualidade “não - natural”, justificada, muitas vezes, por elas como um defeito da ordem familiar.

É válido ressaltar que é de extrema importância para a Educação Infantil, compreender os contatos físicos entre as crianças como parte de sua aprendizagem sendo, portanto, passíveis de interferência por parte dos adultos educadores. É considerável que as educadoras entendam que as manifestações de sexualidade de crianças pequenas não são comportamentos “anormais” e que sempre existiram, apesar de não serem vistos como na atualidade. Neste ponto, os trabalhos acadêmicos e as teorias ajudam e mostram potencial para esclarecer muita coisa. A sexualidade infantil é composta de manifestações que existem e precisam de atenção, cuidados e uma possível interferência do educador, fazendo com que a criança entenda que essas situações não são algo negativo e que podem acontecer em contextos em que o bom senso possa atuar, especialmente por parte do adulto.

Diante de situações e ambientes diversos dos quais as crianças são oriundas, cabe à instituição educacional atentar para a condução correta e tranquila do comportamento das crianças, inclusive na área da sexualidade e experimentação com o corpo. E neste caso, não nos parece tão diferente da orientação dada aos pequenos em outras áreas como a higiene e a organização de rotinas, por exemplo.

Diversos fatores como, por exemplo, a mídia, a internet há alguns anos atrás não interferia tanto nas relações das crianças na escola e hoje impregna diretamente na construção e significação da sexualidade de cada um deles. As professoras precisam repensar as

possibilidades de abordagens dessa temática na prática pedagógica, visualizando diálogos durante a rotina de suas turmas e aulas com o objetivo de demonstrar a existência da construção sexual de cada um. Além disso, fica a reflexão sobre o papel da educação da criança pequena, quando suas práticas apontam para o despreparo do professor ou mesmo cria um contexto propício para a constituição de preconceitos e concepções que desrespeitam os direitos humanos, sejam estas crianças ou adultos.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo, 2.** A experiência vivida; 10. ed. Rio de Janeiro; Nova Fronteira; 1980.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho (org.). **Ensaio sobre gênero e educação.** 1ed. Salvador: UFBA, Pró-reitoria de extensão. 2001.

FREUD, Sigmund. **Conferências Introdutorias sobre Psicanálise.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. . Tradução Jayme Salomão. Vol. XV. Rio de Janeiro. Imago. 1996a.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Tradução Jayme Salomão. Vol. VII. Rio de Janeiro. Imago. 1996b.

LHOMOND, Brigitte. **Sexualidade.** Dicionário Crítico do Feminismo; 2.ed. São Paulo; Unesp; 2009.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 1. Ed. Autêntica. Belo Horizonte. 1999.

MISKOLCI, Richard; Um corpo estranho na sala de aula. In: ABRAMOWICZ, Anete; SILVÉRIO, Valter R (orgs.). **Afirmando diferenças**. Montando o quebra-cabeça da diversidade na escola. 1ed. Campinas – SP. Papirus. 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. P. 99 – 136.